

# TV digital e EAD: uma parceria perfeita para a inclusão social

**Cosette Castro<sup>1</sup>**

## RESUMO

Este artigo trata das novas Tecnologias da Informação e da Comunicação (TICs) como uma segunda comunicação e analisa as possibilidades da educação a distância sob o prisma da TV digital no País. O trabalho, escrito a partir dos estudos de economia política da comunicação e dos estudos culturais críticos, aponta também às mudanças que vêm acontecendo no mundo a partir dos anos 90 do século XX com a massificação dos computadores e da internet, estudando tais transformações em diferentes âmbitos, seja o social ou o acadêmico. Finalmente, o texto discute a necessidade de formação de uma cultura digital que poderá colaborar para os projetos de inclusão social.

**Palavras-chave:** TV digital. Educação a Distância. TIC's. Cultura digital. Economia política da comunicação. Estudos culturais críticos.

## ABSTRACT

This article talks about the new technologies in information and communication as a second type of communication and analyses the possibility of the Long Distance Learning through the digital television in Brazil. This paper, under the influence of the political economy of communication and the critical cultural studies, also shows the changes that have been happening in the world since the 90s of the twentieth century. The article studies the democratization of the computers and internet, studying those modifications in different sectors as the academic sector and the social life. Finally, this article discusses the need of a training for the digital culture. It will be able to help projects in the social inclusion area.

**Keywords:** Digital television. Long Distance Learning. Digital media. Digital culture. Political economy of communication. Critical cultural studies.

---

1 Doutora em Comunicação pela Universidade Autônoma de Barcelona, Espanha. Mestre em Comunicação e Cultura pela Pontifícia Universidade Católica de Porto Alegre (PUC/RS) e Especialista em Educação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos). Consultora da Comissão Econômica para América Latina (Cepal), órgão da Unesco e professora no PPGCOM/Unesp. É autora dos livros "Por que os *Reality Shows* Conquistam as Audiências?", "Mídias Digitais, convergência tecnológica e inclusão social", em co-autoria com André Barbosa Filho e Takashi Tome. Em 2007, coordenou a pesquisa: "As Indústrias de Conteúdo na América Latina", em 11 países da região. Disponível em: [http://www.cepal.org/socinfo/noticias/noticias/2/32222/GdT\\_eLAC\\_meta\\_13.pdf](http://www.cepal.org/socinfo/noticias/noticias/2/32222/GdT_eLAC_meta_13.pdf).

## Introdução

As chamadas Tecnologias da Informação e da Comunicação (TICs) configuram o que se costuma chamar *segunda comunicação*, pois operam em uma lógica onde é eliminado o espaço “real” e anuladas as limitações do tempo e da distância. O tempo já não é um tempo congelado do registro das cenas e da edição das imagens da primeira fase da comunicação e de sua reprodução tecnológica através da TV analógica que tem sido utilizada para desenvolver projetos de Educação a Distância (EAD). Vivemos em um tempo presente, onde tudo acontece “no momento”, inclusive as novas formas de ensino e aprendizagem que podem ocorrer em tempo real, mesmo a distância e mediadas pela tecnologia. Nesse sentido, as TICs geram lógicas próprias de funcionamento e reorganização do mundo que incluem tanto a comunicação quanto a informática e o ensino, embora vivamos em um momento de transição, em que aparelhos analógicos convivem com aparelhos digitais e onde todos somos aprendizes das novas tecnologias.

A sociedade ocidental caminha na direção de um mundo onde a divisão social não passa apenas por possuir ou não objetos, mas por possuir conhecimentos, saberes e habilidades. Nesse sentido, as novas TICs têm papel preponderante para reduzir as diferenças sociais e econômicas e as diferenças de acesso aos diversos níveis de aprendizado. Elas também têm importante papel para reduzir as chamadas brechas digitais e possibilitar a democratização do aprendizado e o acesso ao conhecimento. Martín-Barbero (2003) diz que hoje as tecnologias são um lugar de batalha estratégica para redefinir o futuro das sociedades. Segundo ele, existem duas possibilidades de ação diante do avanço tecnológico: deixar que as majorias fiquem desconectadas ou lutar no campo estratégico das novas destrezas mentais que estão relacionadas às tecnologias. Considera-se que esse seja um dos grandes desafios que enfrentam as sociedades em processo de crescimento, como é a brasileira.

A inclusão social, por meio da EAD e do uso de plataformas digitais, tema deste artigo, é uma discussão necessária para desenvolver políticas públicas no setor. Tais políticas públicas devem contemplar, em sua primeira fase, o acesso às TICs, o aprendizado de como manejá-las e o estímulo ao pensamento crítico, assim como um contínuo desenvolvimento de políticas públicas de EAD, como tem feito o Ministério da Educação na formação de tutores, professores de diferentes níveis e cursos que incluam da graduação à pós-graduação a distância em parceria com instituições com excelência nesse setor, sejam elas públicas, sejam elas privadas. Mas como lembra Castells (1999), um ano antes da virada do século XXI, a inclusão digital básica – aquela que permite o acesso às tecnologias, estágio que o Brasil

tenta ultrapassar – não será suficiente, pois o mundo estará dividido entre os *interatuantes* e os *interatuados*. Ou seja, entre aqueles capazes de selecionar seus próprios circuitos de comunicação e informação multidirecionais e aqueles a quem se direciona um número limitado de opções pré-prontas, sejam elas na área da educação, seja na área da comunicação.

A segunda fase da inclusão para o uso das TICs na EAD será o divisor de águas entre os que apenas recebem informações e aprendem de forma unilateral e aqueles que poderão participar do processo de aprendizado de forma interativa. Essa interação poderá ocorrer por meio de pesquisas, formação de redes ou, ainda, da produção de conteúdos para projetos de EAD que incluam as plataformas digitais e levem em consideração as possibilidades da convergência tecnológica, ou seja, a possibilidade de utilizar várias tecnologias de informação e comunicação ao mesmo tempo ou separadamente.

Neste artigo, EAD é pensada a partir de uma visão transdisciplinar,<sup>2</sup> voltada à inclusão social e à democratização da comunicação e da informação, aqui consideradas como direito básico do ser humano. As definições de EAD são múltiplas e iniciam pelo termo *ensino* ou EAD. No processo de ensino e de aprendizagem semipresencial, ou virtual, mediado por uma tecnologia (neste caso digital), cresce a importância do professor na relação ensino-aprendizagem. Exatamente por ser virtual ou semipresencial, a atenção é duplamente exigida, seja na pronta resposta, seja na aposta em um outro tipo de relação professor-aluno, onde o diálogo entre os dois e entre o grupo envolvido deve ser uma constante para a construção conjunta de saberes, assim como no estímulo ao desenvolvimento de uma relação marcada pelo afeto, mesmo que a distância, pois assim se estabelecem os vínculos, inclusive de aprendizagem.

## A convergência tecnológica

As TICs a TV digital terrestre, o cinema digital, os *games*, os celulares, os *Hi-Pods*, os computadores com acesso à internet (de mesa ou portáteis) e, dentro de pouco tempo, o rádio digital. Já a convergência tecnológica baseia-se na produção de conteúdos para essas diferentes plataformas digitais que podem ser usadas ao mesmo tempo ou de forma separada. No caso do projeto de TV digital terrestre brasileiro, implantado a

---

2 A transdisciplinaridade é vista como o faz Morin: a partir de um pensamento complexo, que reconhece a necessidade de pensar o mundo integralmente e não separando as diferentes disciplinas. Sobre o tema, veja-se a Carta da Transdisciplinaridade (1994). Disponível em: [HTTP://www.humanas.unisinos.br/curriculo/professores/candido/textos/carta.pdf](http://www.humanas.unisinos.br/curriculo/professores/candido/textos/carta.pdf). Acesso em: 25 maio 2008.

partir de dezembro de 2007, na cidade de São Paulo,<sup>3</sup> haverá o aproveitamento dos aparelhos de televisão analógicos presentes em 95% dos lares brasileiros que, acoplados a uma caixa conversora similar às usadas nas TVs por assinatura, receberão os sinais digitais. O processo de transição dos aparelhos analógicos para digitais deverá durar, segundo estimativas do governo, até dez anos, quando os aparelhos de TV já digitalizados terão preços acessíveis às diferentes camadas da população.

Como parte de projetos de EAD voltados para o Ensino Superior, as TICs podem representar uma revolução na realidade brasileira ao introduzir novos (e antigos) estudantes no mundo acadêmico, ao oportunizar a entrada de novos profissionais em diferentes mercados de trabalho e ao possibilitar a atualização de profissionais sem condições de cursar uma universidade presencial, seja por limitações econômicas, geográficas ou de tempo.

No que diz respeito à aplicação da TV digital terrestre no processo de aprendizagem a distância, se abre um mundo de possibilidades aos alunos. Uma delas ocorrerá através do modelo de *controle remoto* a ser utilizado, o qual deverá ser diferente do que conhecemos até aqui. Como a TV será utilizada também como computador – e este é o grande divisor de águas para a inclusão digital no País – o novo controle remoto deverá ter a forma de um pequeno teclado para possibilitar a escrita. Esse controle remoto vem sendo desenvolvido por cientistas brasileiros desde o ponto de vista da *usabilidade*, isto é, que seja de fácil acesso aos portadores de diferentes deficiências, assim como que seja um elemento facilitador para as pessoas que não convivem com aparelhos tecnológicos.

Outro ponto importante da TV digital no processo de EAD é o uso da *interatividade*. Através dela, a produção de conhecimento e a troca de saberes obrigatoriamente, deixarão de fluir apenas de forma unilateral – professor-aluno, transformando-se em um processo de mão dupla, dialógica. Isso acontecerá – como já foi comentado – a partir do uso da caixa conversora que adequará a TV analógica que temos em casa ao padrão digital, possibilitando utilizar o mesmo aparelho de televisão como um grande computador, sendo que cada estudante ou sua família poderá acessar *e-mails*, páginas *web* e cursos de EAD, além de *e-banco*, *e-saúde*, *e-comércio*, etc. Nesse sentido, a EAD apresenta uma dimensão mais democrática e transformadora ao tornar possível o aprendizado a mais de um membro de uma mesma família e ao mesmo tempo (ou em separado).

---

3 E em junho de 2008 as capitais que tiverem geradoras poderão adotar a TV digital.?

O uso das TICs na apropriação de diferentes tecnologias de comunicação (para fins educativos) faz com que a reflexão sobre educação esteja necessariamente relacionada a questões comunicacionais e informáticas, obrigando que a formação de novos professores inclua esses dois temas. Em tempos de novas tecnologias, o próprio conceito de educação – seja presencial, seja a distância – necessita ser ampliado, pois vai além do processo de aprendizagem que envolve o uso de mídias como os meios impressos, o rádio, a televisão analógica e a internet.

Em pouco tempo, a EAD deverá incluir, além do computador com acesso à internet, a TV e o rádio digitais, o uso de *games* educativos e também o celular agregando novos valores ao aprendizado, principalmente pela possibilidade de os alunos participarem ativamente e de se tornarem co-participantes na construção do conhecimento. Outro aspecto importante é que o aprendizado poderá ocorrer em qualquer lugar: em uma praça pública, no metrô ou no ônibus, uma vez que as plataformas digitais como TV e rádio digitais, celulares, *Hi-Pods* ou computadores portáteis têm como característica a *portabilidade*, ou seja, podem ser levados a qualquer lugar onde haja um ponto para se conectar.

Por outro lado, o uso e a apropriação das TICs também abre espaço para que alunos de graduação e/ou de pós-graduação se tornem co-constructores de conteúdos para a educação, o entretenimento e/ou a cultura, o que implicará também a possibilidade de novos empregos e o desenvolvimento de novas metodologias, que possam ser incorporadas à ainda incipiente indústria de conteúdos digitais, voltados à educação. Esses novos produtos educativos deverão ser desenvolvidos por equipes transdisciplinares que incluam a participação de jovens educadores com formação tecnológica, pois fazem parte de uma geração audiovisual acostumada ao uso de tecnologias digitalizadas.

## Possibilidades de inclusão

A teleducação digital através da TVD vai colocar em prática projetos com o *edutainment*.<sup>4</sup> Isso poderá ocorrer de várias maneiras. Primeiramente com o desenvolvimento de conteúdos para a TV digital que privilegiem as atividades de ensino já realizadas pela internet, só que agora pensando que estarão potencialmente voltadas a milhões de pessoas e não apenas aos menos de 20% de brasileiros que,

---

4 Nome em inglês da educação com entretenimento, cujo aprendizado pode ser encarado como uma forma divertida de se educa.

hoje, possuem computadores com acesso à internet em casa. Em outras palavras, utilizar o computador através do aparelho de TV significa que:

1. a democratização da informação e do ensino poderão ser compartilhados por diferentes gerações em uma mesma família ou por amigos a partir da sala de estar;
2. por ser um equipamento maior, a TV vai permitir a interação não apenas do aluno-professor e grupo de colegas, mas também vai permitir que a família compartilhe desse conhecimento, já que a televisão é um aparelho que tradicionalmente, permite a socialização das pessoas;
3. a possibilidade de usar uma tela maior, à que as famílias já estão acostumadas, pode melhorar o diálogo e a interação dentro do ambiente familiar, já que em uma tela de computador, a apropriação do conhecimento ocorre de forma individualizada e não coletiva;
4. o consumidor, ao usar a TV digital no padrão *standard* ou de alta definição terá acesso ao ensino detalhado de disciplinas que exijam detalhes como o uso de profundidade ou o uso de terceira dimensão;
5. será possível discutir sobre o tema ensinado através do uso de salas de bate-papo (*chats*) nas TVs analógicas existentes em casa de forma solitária ou junto com outros membros da família que poderão se tornar “cúmplices” do aprendizado;
6. as teleconferências e videoconferências poderão ser realizadas, sendo assistidas e debatidas por qualquer pessoa da mesma família interessada na aprendizagem ou em um tema específico em debate. Isto é, o aprendizado passa a ser coletivo e incentivado por todos;
7. permitirá troca de *e-mails* ou contato via *messenger*, pois a TV analógica convertida em digital será um computador doméstico ampliado que possibilitará interatividade local ou total;<sup>5</sup>
8. incentivará a produção coletiva de saberes e, até, o intercâmbio de conhecimento entre diferentes grupos em tempo real (ou não);
9. o uso de conteúdos lúdicos e de entretenimento estará disponível aos alunos. Desde casa, eles poderão estar em contato com os autores de um programa ou com os professores do curso de EAD, dando nova dimensão ao que se chama produção colaborativa e coletiva;

---

5 A interatividade local permite receber informações, fazer *downloads* de matérias, livros, dados, imagens e sons, mas não permite responder. A interatividade total prevê uma caixa de retorno para que as pessoas em casa possam responder e interagir em tempo real.

10. poderão ser realizadas pesquisas para conhecer, em tempo real, a satisfação dos alunos sobre os temas abordados, sobre a metodologia empregada, sobre os níveis de interação aluno-professor, sobre os níveis de aprendizado e dificuldades de compreensão, assim como sobre o nível de conhecimento de temas do dia-a-dia político-econômico e social do País;
11. a gama de possibilidades é tão ampla que, futuramente, poderá incluir, inclusive, programas de realidade virtual. Eles poderão ser utilizados em aulas de Geografia e História, por exemplo;
12. a proposta da biblioteca virtual *Wikipedia*, existente na internet, poderá alastrar-se para a TV digital, incentivando a produção coletiva de saberes;
13. poderá incentivar aos alunos a desenvolver projetos audiovisuais voltados à TV digital através do uso de câmeras embutidas nos celulares ou de filmadoras digitais. Esses conteúdos poderão ser analisados e divulgados pelos programas de teleducção;
14. os alunos poderão, através da TV que têm em casa, buscar outros temas de interesse, como arquivos de imagem, texto ou dados relacionados à matéria estudada, passando essas informações para outros membros da família e para os colegas do grupo de teleducção digital.

As pessoas também terão a possibilidade de usar o *enhanced TV*, que difere dos canais virtuais.<sup>6</sup> O *enhanced TV* está mais relacionado com a programação existente (que pode ser perfeitamente aproveitada), agregando-se elementos informacionais de áudio, imagens e/ou dados que permitam, também, níveis de interatividade, ou seja, uma intervenção do telespectador no conteúdo exibido desde que ele possua canal de retorno.

A interatividade total que existe a partir de um canal de retorno permite várias funções na TVD. Se você está assistindo a um documentário, poderá saber mais informações sobre o tema tratado, como outros programas ou livros relacionados; poderá buscar páginas relacionadas ao tema na internet; poderá responder a perguntas ou mandar uma pergunta para o *expert* da emissora ou para o professor do curso de EAD. É possível, ainda, enviar mensagem para algum outro usuário que esteja assistindo ao programa ou ao módulo de EAD, através do manejo do controle remoto. Um manejo semelhante ao já utilizado pelas pessoas, mas com botões

---

6 Os canais virtuais estão mais diretamente relacionados a serviços oferecidos às pessoas, como *e-banco*, canal do tempo, guia eletrônico de programação, telecompras, votação eletrônica, telesaúde ou serviço de perguntas e respostas.

coloridos que – indicados na tela – designam a que se referem quando o usuário aperta um ou outro comando.

A TV digital é um sistema complexo que possibilita a interação através do uso de multimídias, cujo processo lúdico-educativo permite infinitas formas de uso que vão exigir um aprendizado constante, pois, no mundo digital, todos somos alunos, isto é, fazemos parte da sociedade do conhecimento que vem transformando a economia mundial, os hábitos, costumes, saberes, paradigmas, assim como o *status* da educação. Ao privilegiar a inclusão digital, a EAD poderá oferecer informações qualificadas e novas habilidades a um número cada vez maior de pessoas, tenham elas ou não proximidade com as tecnologias.

## Modificações na TV

A partir da TV digital, a própria noção de televisão necessita ser redimensionada, já que as transformações que estão por chegar ultrapassam as mudanças que ocorreram desde o começo da TV, no fim dos anos 30 do século XX. Para além do uso do videoteipe, da chegada da televisão em cores, da inclusão do videocassete, do DVD e da TV pela internet, a televisão passa a ter vida digital; passa a receber imagens, áudio e dados; passa a ter mais robustez, ou seja, acabam os terríveis chuviscos e fantasmas que perturbavam a recepção e a permitir a *multiprogramação*, ampliando a disponibilidade de canais e de programas existentes na TV aberta. A própria noção de programação sofrerá modificações com a chegada da TVD, já que será substituída pela idéia de *módulos digitais*, que oferecerão mais de uma informação visual, mais de uma linguagem sonora, mais de um dado disponível na tela de maneira superposta, podendo, ainda, aproveitar antigos arquivos lineares (não digitalizados).

Mas a mudança é complexa e vai além de questões tecnológicas: ela inclui transformações comportamentais e de cultura. Trata-se da passagem de um mundo analógico já conhecido, para um mundo digital, que inclui a formação de um novo sujeito, o sujeito digital.

O público potencial da EAD através da TV digitalizada pode ser um jovem acostumado à cultura audiovisual e ao uso das TICs, mas também pode ser uma pessoa de mais idade, que cresceu em uma cultura impressa e/ou que não tem acesso às novas TICs. Um público com essas características, em geral, possui poucos anos de escolaridade, tem problemas para compreender os manuais e textos (um problema que acontece com mais de 20% da população devido ao chamado analfabetismo

funcional); desconhece a nova máquina que será colocada à sua disposição; desconhece os termos (geralmente em inglês) utilizados e também desconhece as amplas possibilidades de uso e criação através da interatividade. Esse público precisará de tempo e ajuda para se adaptar à mistura de tecnologias já assimiladas (como é o caso da TV analógica e o controle remoto que possui em casa) com as novas tecnologias que estão chegando, assim como ao aumento do fluxo informativo que irá receber.

Por isso, colaborar com a apropriação intelectual do novo meio de comunicação digital, a leitura crítica das mensagens recebidas e a capacitação para a utilização livre e criativa são desafios que os professores e pesquisadores – de forma transdisciplinar – terão de enfrentar para que a TV digital realmente possa se tornar uma ferramenta de inclusão social voltada à área educativa, presencial ou a distância. Isso significa:

- realizar estudos (como os que já vem sendo utilizados pelas universidades brasileiras) sobre a usabilidade dos serviços interativos para analisar se serão facilmente reconhecidos e apreendidos pelos diferentes grupos sociais, econômicos e geracionais existentes no País;
- desenvolver interfaces facilmente reconhecidas pelos sujeitos sociais que, antes de utilizar a TVD para EAD, terão de ser alfabetizados digitalmente;
- realizar cursos em escolas, telecentros ou pontos de cultura, cuja família seja iniciada no uso das TICs e no uso da TV digital aprendendo, no futuro, a criar conteúdos e encontrar espaços de novas empregabilidades;
- oferecer banda larga para acesso à internet a preços compatíveis com o padrão de vida da maioria da população ou outras formas de canal de retorno para possibilitar a interatividade total, como os celulares, a fibra ótica, o adsl/telefone, os satélites ou a rede elétrica – Power Light Communication (PLC), de acordo com as características e as possibilidades de cada região brasileira; e
- oferecer redes *Wi-fi* para acesso à internet nas áreas rurais e também nas regiões mais distantes do País para que a interatividade da TV digital possa realmente ser concretizada, através do uso de conteúdos informativos, culturais, de serviço, educativos ou de entretenimento mais complexos, como vídeos, áudios e animações.

Desenvolver uma nova cultura digital para a televisão ultrapassa a necessidade de ensinar a usar teclados ou funções tecnológicas em geral pouco claras para a maior parte da população, embora essas sejam questões importantes no processo de inclusão digital. Vale recordar que a visão de EAD neste artigo parte de uma perspectiva transdisciplinar, ou seja, envolve o diálogo entre diferentes disciplinas como

a Informática, a Pedagogia, a Educação e a Comunicação para desenvolver conteúdos e programas educativos acessíveis aos diferentes níveis educacionais através das plataformas digitais.

Embora no campo da comunicação as redações de TV já tenham começado a usar câmeras, ilhas de edição e arquivos digitais, os projetos de novos conteúdos educativos e/ou de entretenimento ainda se baseiam nas tecnologias analógica e linear. Isso também ocorreu com a TV analógica que, nos anos 50 do século passado, no Brasil, copiou a linguagem do rádio até encontrar sua própria identidade. Provavelmente, isso também vai acontecer com a TV digital em seus primeiros anos na busca de sua própria linguagem. Inicialmente, vai se apropriar de modelos de produção de conteúdos já conhecidos da TV analógica, mas agora aproveitando possibilidades mais amplas, como o uso *on-line* e o uso diário de arquivos de dados, textos, imagens e áudio em conjunto ou separadamente. Ou, ainda, utilizar a possibilidade de que esse conteúdo seja utilizado ao mesmo tempo em várias plataformas digitais simultaneamente, como o celular, o rádio, a TV digital, o *I-Pods* na internet e os *games*. Além disso, abre as portas para o aproveitamento dos programas televisivos como espaço de aprendizado, sociabilidade e discussão de questões do cotidiano, algo que os professores em geral têm resistido a empregar em sala de aula, reduzindo as possibilidades de educação às mídias no País.

Para encerrar este artigo, gostaríamos de sugerir alguns pontos para reflexão:

Na universidade:

- formação de professores e pesquisadores de áreas transdisciplinares para EAD voltadas a diferentes plataformas digitais, principalmente à TV digital;
- mudança curricular com a participação de professores e pesquisadores de áreas transdisciplinares que inclua o uso de diferentes tecnologias digitais;
- desenvolvimento de novas habilidades que contemplem as TICs e a convergência digital;
- fomento a pesquisas sobre desenvolvimento de conteúdos voltados às TICs e à convergência digital;
- criação de cursos de graduação e pós-graduação presenciais, semipresenciais ou a distância que sejam transdisciplinares; que trabalhem com e reflitam sobre EAD e seu uso através de mídias digitais incorporando diferentes perspectivas, como Comunicação, Informática e Filosofia, por exemplo;
- criação de laboratórios experimentais transdisciplinares voltados ao desenvolvimento de conteúdos direcionados ao uso de TICs e à convergência digital para EAD em seus diferentes níveis;

- estímulo a pesquisas de caráter social que fomentem a produção de conteúdos nas diferentes comunidades, a partir de sua realidade, valorizando a linguagem e a cultura local;
- estímulo a pesquisas que desenvolvam projetos de educação às mídias em EAD desde a educação básica;
- estímulo à utilização de arquivos de imagem, som e dados de TVs educativas, legislativas, comunitárias e universitárias em projetos de EAD de forma gratuita ou conveniada.

Na sociedade:

- desenvolvimento de ações que estimulem o acesso e a participação cidadã em projetos de EAD, através dos ambientes de trabalho e diferentes espaços sociais;
- estímulo à produção de conteúdos educativos em comunidades como espaço de preservação da identidade, ampliação da auto-estima e possível geração de emprego.

Políticas públicas:

- geração de políticas públicas de educação e comunicação que contemplem a educação para as mídias – independentemente do suporte tecnológico utilizado – desde a educação básica;
- uso das TVs educativas, comunitárias, universitárias e legislativas no compartilhamento de arquivos de áudio, imagem e dados para projetos voltados à EAD;
- capacitação de professores de primeiro e segundo graus em projetos de EAD para melhorar a qualidade do ensino oferecido em escolas públicas e particulares de todo o Brasil incentivando-os a que façam cursos de graduação e pós-graduação;
- desenvolvimento de cursos de EAD voltados às mulheres com baixa renda ou que não trabalhem e para pessoas da terceira idade, pois são dois grupos sociais com grandes dificuldades de acesso e apropriação das TICs;
- finalmente, desenvolvimento de políticas públicas em parceria com diferentes atores sociais que incentivem a educação continuada, independentemente da idade do aluno visando à democratização da educação superior.

## Referências

BARBERO, Jesús-Martín. *Comunicación y universidad*. Montevideu: Ed. da Universidad de la República, 2003. Conferência.

BARBOSA FILHO, André; CASTRO, Cosette; TOME, Takashi (Org.). *Mídias digitais: convergência e inclusão social*. São Paulo: Paulinas, 2005.

CASTELLÓN, Lucía; JARAMILLO, Oscar. Los desafíos de la educación superior en la sociedad de la información. In: MELO, José Marques et al. (Org.). *Sociedade do conhecimento: aportes latino-americanos*. São Bernardo do Campo: Ed. da Umesp; Cátedra da Unesco, 2005.

CASTELLS, Manuel; HIMANEN, Pekka. *El Estado del Bienestar y la sociedad de la información*. Madri: Alianza, 2002.

CASTRO, Cosette. *EAD e TV Digital: a co-autoria na aprendizagem*. 2007. No prelo.

\_\_\_\_\_. TV Digital: da indústria de conteúdos à busca de novos paradigmas. *Comunicação & Sociedade*, São Bernardo do Campo: Ed. da Umesp, ano 29, n. 48, 2007.

CHAVES FILHO, Helio et al. *Desafios da Educação a Distância na formação de professores*. Brasília: Ministério da Educação, 2006.